

A dialética da arrogância

29 MAR 1996

Mauro Santayana

JORNAL DA TARDE

Os otimistas governamentais sorriem, e o maior deles, o presidente da República, parece governar Taiti, nos tempos de Gauguin, e lamentar que o grande pintor não seja um de seus comensais. É como se Sua Excelência saísse todos os dias de seu palácio e, dando um passeio pelos arredores, visse transformadas em idílicas as cabanas que o cercam. Afinal, vistas de relance, as cafuas que se entrevêem, por detrás das magras árvores do cerrado, a poucos passos da Praça dos Três Poderes, podem ser pensadas como as choupanas cobertas de palmas nas quais Gauguin amava as nativas, antes e depois de capturar, com o pincel, a sua beleza.

O que lhes dá motivo para sorrir? A ilusão de que é possível continuar mentindo para o País. Eles acreditam que, não tendo havido resistência política maior, crimes como os cometidos pelo chamado sistema financeiro podem continuar impunes, e a estrutura jurídica e social imutável.

“O falso sentimento de uma superioridade pessoal é de tal maneira caro aos privilegiados, que eles desejam estendê-lo a todas as suas relações com o resto das pessoas” — diz o abade Emanuel Sieyès, em seu *Ensaio sobre os Privilégios*, um dos livros de base do pensamento que fez a Revolução Francesa. E, depois de mostrar o absurdo dessa presunção, que ele compara com a fantasia do louco de Pireu, o grande estadista nos dá a pista para o comportamento dos ministros do aristocrata Fernando Henrique:

“La vanité, qui pour l'ordinaire est individuelle et se plait à s'isoler, se transforme ici promptement en un esprit de corps in-



OS ANTIGOS TÍTULOS DE NOBREZA SÃO SUBSTITUÍDOS PELOS TÍTULOS ACADÊMICOS, DE IGUAL OU MAIOR ARROGÂNCIA

domptable.” É por isso que vemos velhos ricos, herdeiros de senhores e traficantes de escravos, aceitar em sua grei, sem muita preocupação, os novos ricos, igualmente arrogantes, e vemos os novos burocratas, herdeiros do modo de ser dos amauenses da Colônia e do Império, trafegar com a mesma soberba de um lado para outro. A vaidade e a presunção pegam, como o sarampo.

Ali onde não é possível encontrar a solidariedade corporativa, o chamado *“esprit de corps”* da vaidade identificado por Sieyès, pensam eles, é possível encontrar políticos e jornalistas venais, capazes de trocar as evidências pelos cargos e outras benesses. Estão sinceramente convencidos de que constituem um corpo à parte na sociedade brasileira, com direito a tudo. Entre eles, o estelionato é justificado como uma contingência do mercado e as sobras

de campanha entendidas como o butim de uma guerra vitoriosa. Os antigos títulos de nobreza são substituídos pelos títulos acadêmicos, de igual ou maior arrogância. Para eles, o exercício do poder é a consequência lógica de seu saber — saber que está levando não só o Brasil como o mundo a se transformar em imensa “Casbah”, com seus narcóticos, seus assassinatos, seus cortiços e sua revolta.

A primeira astúcia de qualquer um é desconfiar das vitórias fáceis. O governo do sr. Fernando Henrique Cardoso não é astuto. Pensa apenas que é esperto. E a sua vitória dos últimos dias é, na realidade, uma gravíssima derrota. Primeira vitória: depois de cooptar o sr. Paulo Maluf e alguns senadores (como já descobriu Jugurta, há 2 mil e tantos anos, há senadores que não se vendem, mas há senadores baratos), o governo conseguiu evitar,

por muito pouco tempo, a CPI sobre o sistema financeiro. Na realidade, ele não comprou a sua tranquilidade. Alugou-a, apenas, e só poderá prorrogar o aluguel com aumento. O grave é que a sociedade começa a indagar por que o governo não quer que a verdade se conheça. É interessante a lógica destes nossos tempos: para que alguém obtenha um empréstimo, necessita apresentar o seu cadastro. Mas os bancos podem falsificar os seus balanços e, portanto, o seu cadastro, enganando os correntistas, sem que o Parlamento tenha o direito de averiguá-los. O presidente teve espetacular vitória parlamentar — e terrível derrota moral.

No caso da Previdência, o erro é também grande, mas não chega a ser tão grave. Há muito caminho ainda a fazer, nas votações sucessivas e nas leis complementares, e o que uma reforma tira, outra pode repor. O dano moral da tentativa de impedir a CPI dos Bancos é irreparável. E, por último, vejamos o uso de todos os recursos para esvaziar a convenção do PMDB. O governo está devolvendo o partido à sua origem de resistência e de luta, como a grande frente política nacionalista de centro-esquerda. Com o governo, se as coisas avançarem, ficará o rebotalho do partido, os que a ele aderiram no momento em que a legenda, por si mesma, era capaz de eleger qualquer um. O partido poderá perder votos parlamentares, mas crescerá, e muito, nos votos eleitorais. Quem viver, verá.

Mauro Santayana

jornalista